

**Escrita e subjetividade feminina: um mundo de papel e tinta construído  
no diário de Helena Morley**

Lúcia Helena da Silva Joviano <sup>1</sup>

**Resumo**

O presente artigo utiliza-se como fonte o diário de Alice D. Caldeira Brant, escrito entre 1893 e 1895 em Diamantina (MG) e publicado em 1942 com o nome *Minha vida de Menina*, assinado com o pseudônimo de Helena Morley. A análise empreendida focou aspectos relativos a escritura do diário enquanto gênero e também como *locus* de um discurso construído por uma subjetividade em processo de devir.

**Palavras-chave:** diário, escritura feminina, subjetividade.

**Women writing and Subjectivity: a world built of paper and ink in the diary of Helena Morley**

**Abstract**

This article uses the diary as a source of Alice D. Brant, written between 1893 and 1895 in Diamantina (MG) and published in 1942 under the name of My Life Girl, signed with the pseudonym of Helena Morley. The analysis undertaken focused on aspects of the writing of the diary as a genre and as a locus of discourse constructed by subjectivity in the process of becoming.

**Keywords:** diary, writing female subjectivity.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Literários (UFJF), Prof. de educação básica da SEE/MG e SEDUC/RJ, Prof. da Pós-graduação da FEAP.

### 1.0 INTRODUÇÃO

O artigo a seguir resulta de dissertação de mestrado defendida em curso de Letras, vinculado à linha de pesquisa *Literatura de Minas: o regional e o universal*, que tem como foco de análise possível, a abordagem histórica e ou literária de textos de escritores nascidos e/ou radicados na Zona da Mata Mineira e entorno e de autores que tematizam esta região.

Nossa proposta, desse modo, é desenvolver o estudo sobre as possibilidades de produção de um discurso feminino singular, compreendido como lócus, no qual se evidencia a marca subjetiva daquela que o produz.

Para isso, escolhemos o diário de Alice Dayrell Caldeira Brant, mais conhecida por Helena Morley, publicado em 1942, com o título *Minha vida de menina*. Nele foram registradas passagens e situações do cotidiano de sua vida familiar e pública, em Diamantina, quando tinha entre 13 e 15 anos, no período de 1893 a 1895. Período esse que corresponde ao fim do regime monárquico e início da instauração da República, e que apesar do Brasil no século XIX ser eminentemente rural, Helena viveu em um espaço urbano, que experimentou seu ápice, em termos de produção de riqueza econômica, no século XVIII.

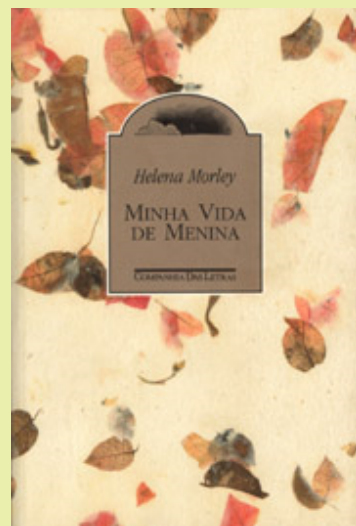
A Literatura tradicional e a História traçam uma clara distinção entre a narrativa em prosa ficcional e os relatos históricos e biográficos, pois acreditam que, no caso da ficção, encontra-se uma grande coloração imaginativa, delineada pela subjetividade do escritor e no caso dos relatos históricos. Porém, a perspectiva na qual pretendemos trabalhar entende que mesmo as narrativas sustentadas por material empírico são também uma visão do (a) escritor (a), marcada de certa forma por sua subjetividade.

Assim, o objetivo geral do nosso trabalho é compreender o processo de constituição da subjetividade no feminino, tendo por base e limite a escritura. O diário será analisado do lugar da enunciação e estabelecerá a presença das concepções de si colocadas à mostra pela narradora-personagem. Segundo Barthes, na enunciação:

[...] expondo o lugar e a energia do sujeito, quiçá sua falta (que não é sua ausência), [...]; ela reconhece que a língua é um imenso halo de implicações, de efeitos, de repercussões, de voltas, de rodeios, de redentes; ela assume o fazer ouvir um sujeito ao mesmo tempo insistente e invisível, desconhecido e, no entanto reconhecido segundo uma inquietante familiaridade: as palavras não soam mais concebidas ilusoriamente como simples instrumentos, são lançadas como projeções, explosões, vibrações, maquinarias, sabores: a escritura faz do saber uma festa. (BARTHES, 2004a, p. 20-21).

Utilizamos de tal abordagem para ler o texto pesquisado, pois pretendemos compreender Helena, ou melhor, as marcas subjetivas postas à vista pela sua escritura, enquanto ser multifacetado, em processo de devir. Isso porque o processo de subjetivação, tal como aqui é compreendido, é complexo e instável, remetendo-se a linhas múltiplas, por vezes, díspares.

Vale destacar que optaremos por utilizar o nome Helena, para referirmos a escritora do diário, e não Alice, pois a análise partiu do livro e não dos originais, deixando claro que para nossa abordagem tal distinção não se faz necessária.



Capa atual do livro

## 2.0 DIÁRIO E DISCURSO FEMININO

O filme *Vida de Menina* (2005), de Helena Solberg, uma adaptação do livro de Helena Morley inicia-se com as imagens que dizem respeito ao relato da primeira comunhão da menina Helena:

*Domingo , 29 de dezembro*

[...] Padre Neves convidava para essa prática um padre italiano gorducho e vermelho que sabia gritar e impressionar as meninas. O Padre começou:

“Minhas meninas, este dia é o maior e mais feliz da vida de vocês. Vão receber dentro do peito o corpo, sangue e alma de Jesus. Esta é uma grande graça, minhas queridas, que Deus lhes concede! Mas para isso é necessário que estejam preparadas, contritas e não tenham ocultado nenhum pecado no confissãoário. Se ocultarem algum pecado e receberem a comunhão é um horror! Conheço muitos casos horríveis, mas vou contar-lhes apenas um para exemplo.

Uma vez uma porção de meninas fizeram a primeira comunhão com vocês vão fazer hoje. Receberam a sua hóstia e foram contritas para os seus lugares; nesse momento uma delas caiu para trás e morreu. O padre disse à mãe da menina: ‘Foi Deus que a levou para a Sua glória!’. Todas as outras invejavam a companheira que morria na graça de Deus. Nisto, o que foi que elas viram? O capeta arrastando por detrás do altar o corpo da desgraçadinha. Sabem por que? Porque a menina escondeu um pecado no confissãoário”. ( MORLEY, 2005, p.332)

Esse relato aparece no penúltimo dia descrito por Helena em seu livro e corresponde à memória de seus sete anos de idade, narrado quando já havia completado quinze anos. No entanto, a opção das roteiristas em escolher esse momento como o que daria início ao filme e depois seguiu narrando a adolescência da menina, pode ter sido para dar uma ordenação cronológica, com efeito de linearidade à narrativa.

No presente trabalho, a escolha se deve a questão de se poder perceber, por esse relato, o controle exercido sobre o discurso feminino. As mulheres por descenderem, segundo a visão de mundo bíblica, de Eva eram consideradas como portadoras do pecado e por isso como seres que facilmente podem ser manipuladas pelo demônio para colocar em prática seus desígnios e por isso deveriam ser minuciosamente vigiadas e ter sobre si uma série de medidas restritivas, no que diz respeito ao comportamento. (AZZI, 1987)

Eram reclusas, não tinham direito de decidir sobre seu destino, não saiam desacompanhadas, sua educação era apenas vinculada às necessidades do lar, dentre outras coisas. Durante muito tempo a mulher fora considerada inferior e por isso deveria submeter-se a autoridade masculina. (VEYNE, 1994)

Porém, não eram vítimas sozinhas, pois tais armadilhas também aprisionavam os homens e se esses também não seguissem à cartilha dos papéis sociais previamente estabelecidos, também sofriam censuras<sup>2</sup>.

Segundo Foucault (1996), há sempre no interior das sociedades os discursos permitidos e os discursos interditados e sobre isso esclarece:

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. ( p.08-09 )

<sup>2</sup> Sobre esse assunto conferir em LINS, Daniel. *Lampião: o homem que amava as mulheres*. São Paulo: Annablume, 1997.

O discurso feminino foi durante muito tempo, um desses discursos, que foram impedidos de circular. Mulheres personagens “ficcionalis” ou “reais” eram sempre escritas e ou descritas por homens. Porém, a concepção foucaultina de discurso, aqui utilizada, entende que o mesmo dá-se em um complexo embate de forças, nas quais “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.” (Idem, p. 10) Os discursos são produtos singulares gestados nas tramas sócio-culturais nas quais estão envoltas as subjetividades e nesse sentido muitas mulheres construíram estratégias que lhe garantiram mesmo no interior de teias opressivas produzir um discurso sobre si e sobre outras temáticas.



Cartaz do filme

Os diários foram e são um importante lugar onde as mulheres podem se expressar é um território permitido por onde a mulher pode transitar e assim produzir um discurso. O caderno diário de Helena começou a ser escrito por conselho de seu próprio pai, que a considerava indiscreta, muito falante e para tentar remediar a situação lhe instruiu:

*Segunda-feira, 24 de julho*

[...] “Escreva o que passar com você, sem precisar contar às suas amigas e guarde nesse caderno para o futuro suas recordações.”

Se não tivesse este caderno poderia guardar na memória o caso tão engraçado que vi ontem? (MORLEY, 2005, p. 68)

A garota seguiu o conselho do pai e fez do seu diário seu mundo de papel e tinta, onde suas impressões e desalentos poderiam morar e viver sem censuras. A despeito do controle, da vigia constante sobre seu corpo e sua alma, em função da concepção de feminino compartilhada por sua família e seu entorno sócio-cultural, o diário passou a ser um lugar

só seu, em que podia dizer o que quisesse:

[...] Vou escrever aqui o que eu fiz com ela e não tenho vergonha, porque é só o papel que vai saber. (Idem, p. 78)

[...] Estou hoje cansada pois foi um dos dias em que tive mais trabalho. Mas poderei deixar de contar ao meu caderno amigo o que me aconteceu ontem? (p. 170)

[...] E assim eu confesso aqui no meu caderno, escondido [...] (p. 172)

Ao contrário da confissão religiosa, a que Helena fazia a seu caderno não resultava em penitência, nem em repreensões, por isso só ali, no diário, algumas coisas que vivia poderiam estar: “Se vovó lesse isto que estou escrevendo aqui ela ficaria aborrecida comigo.” (p.99)

Do século XIX ao século XX, muita coisa mudou, outros “mundos” foram, por meio de lutas, permitidos e abertos às mulheres. E, assim, o estudo do feminino e das singularidades pertinentes a esse grupo constitui-se em objeto legítimo, além de ser uma necessidade frente aos questionamentos próprios de uma época de tensão de valores.

Apesar de ter sido negada pelo cânone, dada a interdição em seu discurso, a mulher expressou-se por meio da escrita, e assim deixou registrado apontamentos de suas vivências, bem como de sua visão de mundo. De acordo com Lígia Fagundes Telles (2002) foram os diários a primeira forma de expressão da subjetividade das mulheres, nascendo ali a literatura feminina. Neles é a própria mulher que surge como tradutora dos seus anseios e desejos, rompendo com o monopólio do masculino na construção de personagens e na produção de olhares tendenciosos e modelares sobre o feminino.

Acreditar que em um dado momento histórico todos compartilham da mesma visão de mundo, sem questionamentos é negar a historicidade do ser humano ou sua capacidade de refletir e criar. Assim, há sempre a capacidade de produzir respostas subjetivas singulares e estas tornam os diários um dos lugares em que tais questões podem ser visualizadas. (GOMES, 2004)

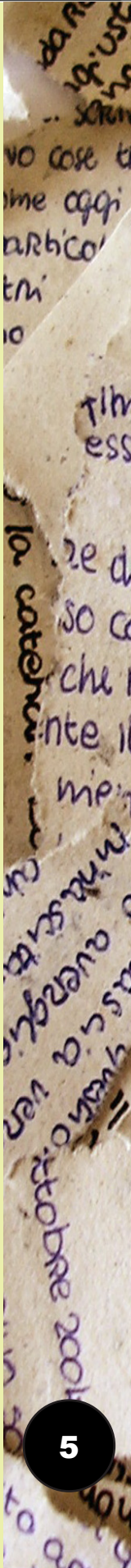
### 3.0 NO UNIVERSO DA ESCRITA DE SI, O DIÁRIO

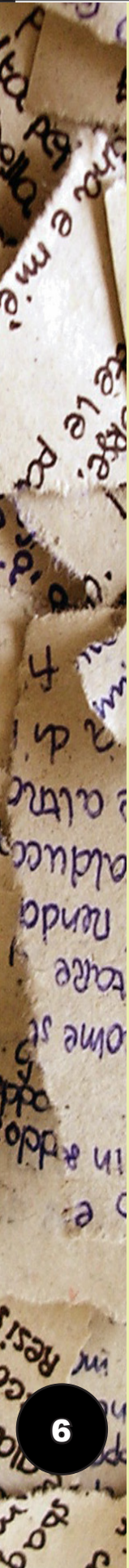
Em nota à primeira edição, Helena Morley esclarece os motivos que a estimularam a produzir uma escrita de si:

Em pequena meu pai me fez tomar o hábito de escrever o que sucedia comigo. Na Escola Normal o professor de Português exigia das alunas uma composição quase diária, que chamávamos “redação” e que podia ser, à nossa escolha, uma descrição, ou carta ou narração do que se dava com cada uma. Eu achava mais fácil escrever o que se passava em torno de mim e entre nossa família, muito numerosa. (MORLEY, 2005, p.13).

Essa prática de uma escrita de si não é algo novo no Ocidente, nem uma invenção da Modernidade. Foucault (2006), em sua análise da cultura de si praticada na Antigüidade, depara-se com a idéia de que para preparar um homem virtuoso para o porvir a ser enfrentado durante toda a sua vida eram necessários discursos verdadeiros e racionais.

Como método de apropriação desses discursos encontrou três apontamentos sugeridos pelos filósofos estudados por ele: a importância da escuta, da escrita e dos retornos sobre si, ou seja, uma memorização do aprendido. Havia, assim, presente no modo de subjetivação antigo/clássico, a idéia e a prática de uma escrita de si:





Havia naquela época uma cultura do que poderíamos chamar escrita pessoal: tomar notas sobre as leituras, as conversas, as reflexões que ouvimos ou que fazemos com nós mesmos; conservar cadernos de apontamentos sobre assuntos importantes (que os gregos chamavam hypomnêmata) a ser relidos de tempos em tempos para reatualizar o que continham. (FOUCAULT, 2006, p.607).

Essa escrita de si era entendida como forma de organizar um conjunto de dados sobre a leitura produzida pelo indivíduo, a respeito de seu entorno, para ser usada em um momento de necessidade. Além disso, tinha como objetivo também estabelecer uma coerência interna, pois as idéias fragmentadas e recolhidas a partir dessa escrita deveriam ganhar sentido e coesão por meio de uma reelaboração pessoal: “Tratava-se de constituir a si mesmo como sujeito de ação racional pela apropriação, a unificação e a subjetivação, de um já-dito fragmentário e escolhido”. (FOUCAULT, 2006, p. 640).

O olhar lançado por Foucault a partir de 1980 tentou compreender e dar um novo tom aos estudos das subjetividades. Inicialmente sua visão de sujeito o levava a crer que esse era um efeito positivo, mas passivo de relações de poder/saber. Porém, deparou-se com a presença na Antigüidade Clássica de técnicas do eu, que revelaram novas possibilidades de subjetivação, identificando a noção de sujeito, não somente na modernidade, mas como produto constituído na imanência da história.

Assim, o novo processo de subjetivação é pensado não mais como resultado de técnicas de dominação ou técnicas de discurso, mas como:

procedimentos que sem dúvida existem em toda civilização, propostos ou prescritos ao indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e isto graças a relações de domínio de si sobre si ou de conhecimento de si por si. (FOUCAULT, 2006, p. 620).

O conceito de técnicas de si traz para o entendimento da questão do sujeito a dimensão da historicidade, fazendo com que o foco sobre a questão da subjetivação se altere, ao passar a dimensioná-la como processo temporal e multiforme. Tais perspectivas são resultantes de seus estudos em busca por novas compreensões sobre as relações históricas entre subjetividade e verdade.

Nessa busca, Foucault (2006) verificou que nos séculos I e II da Antigüidade helenística e romana, já era preocupação dos filósofos (desde Sócrates até os epicuristas, estóicos e cínicos) o tema do cuidado de si (*epiméleia heautô*). Esse cuidado estaria relacionado ao surgimento, em textos filosóficos, de certa austeridade imposta às práticas sexuais ou a uma “*inquietação face aos prazeres sexuais*”. (Idem, 1985, p. 45).

No mundo grego e romano, o cuidado de si passou a ser encarado como princípio de uma conduta embasada por uma racionalidade moral resultando em um “fenômeno cultural de conjunto”. (Idem, 2006, p. 13). Para Foucault (1985), é o aparecimento do incentivo a práticas de si que faz com que o indivíduo se constitua enquanto sujeito de seus atos.

Vale destacarmos que o tema da cultura de si aparece inicialmente atrelado ao princípio delfico do “conhece-te a ti mesmo” (*gnôthi seautón*), quando Sócrates tinha como função fazer com que os indivíduos se preocupassem e cuidassem de si. (FOUCAULT, 2006).

O retorno e a valorização da cultura de si pelos filósofos dos séculos I e II fazem com que tal preceito apareça como uma verdadeira técnica de vida ou “arte da existência” ampliando seu significado e seu alcance. A cultura de si passa a ser compreendida como preceito, atitude, comportamentos e formas de viver que se constituíam em práticas sociais que envolviam a produção de um conhecimento e ou saber. (FOUCAULT, 1985, p. 50).

No contexto da cultura de si, o sujeito deveria ser aquele que se coloca à prova, se examina



e se controla para que seja soberano sobre si mesmo. A cultura de si é “uma resposta original sob forma de uma nova estilística da existência”. (FOUCAULT, 1985, p.77).

Isso implica “uma atitude – para consigo, para com outros, para com o mundo” [...] uma “certa forma de atenção, de olhar” (FOUCAULT, 2006, p. 15), ou seja, de fora para dentro de si. Designa também ações, práticas, exercícios, técnicas como: “de meditação; as de memorização do passado; as de exame de consciência; as de verificação das representações na medida em que elas se apresentam ao espírito, etc.”. (Idem).

Foucault (2006), em sua ‘hermenêutica do sujeito’, aponta que a História da filosofia ocidental fundou as relações entre sujeito e verdade, tendo como base o “conhece-te a ti mesmo” e, de certa forma, abandonou o princípio a esse atrelado - “cuidado de si”.

As determinantes anticuidado de si no mundo moderno dizem respeito à visão desse preceito como algo que soa como egoísmo e/ou uma volta para si em detrimento de questões coletivas, nacionais e classistas. Foucault (2006) chamou de “momento cartesiano” quando se procedeu a intensificação da idéia do *gnôthi seautón* e se desqualificou *epiméleia heautô*.

O motivo da desativação do cuidado de si encontra-se ligado à relação que cada momento tem com o estabelecimento das formas pelas quais o sujeito chega à verdade. Nesse sentido, a modernidade produz uma forma peculiar de o sujeito conhecer que a difere da Antigüidade, pois o sujeito centrado em si, moderno, não tem que investir de cuidados consigo mesmo para apreender o real; basta-lhe se conhecer, ter a consciência de si. Assim, procede que:

para Sócrates e Platão: *epiméleia heautô* (cuidado de si) designa precisamente o conjunto das condições de espiritualidade, conjunto das transformações de si que constituem a condição necessária para que se possa ter acesso à verdade.[...] a idade moderna da história da verdade começa no momento em que o que permite aceder ao verdadeiro é o próprio conhecimento e somente ele. Isto é, no momento em que o filósofo [...] sem mais nada lhe seja solicitado, sem que seu ser de sujeito deva ser modificado ou alterado, é capaz, em si mesmo e unicamente por seus atos de conhecimento, de reconhecer a verdade e a ela ter acesso. (FOUCAULT, 2006, p.21-22).

A concepção de sujeito, tal qual traçada pelo Ocidente, identifica-se com a idéia de controle. Na Antigüidade Clássica era o ideal de Bem que circundava o cidadão, mas a constituição do sujeito ético estava ligada à produção de uma estética de sua existência por meio de uma escolha própria; já na modernidade o sujeito da verdade é aquele governado pela razão. Ser sujeito, então, é ser alvo de alguma forma de gerenciamento que pode ser interno ou externo, tornando-se, por essa via, a noção de sujeito agente de uma ação, algo que não existe. Nesse sentido, o significado dado por essa concepção denota a morte do sujeito.

Essa morte do sujeito, para Foucault, não expressa o fim da vida e nem da ação humana, mas o fim de uma concepção que se estabeleceu como uma verdade absoluta e irrefutável. Isso porque estabeleceu como figura existencial uma imagem do ser unívoco, coerente, guiado pela razão, que possui a capacidade de submeter os desejos e as paixões. Esse foi o único caminho dado àqueles que desejavam ser parte constituinte da sociedade moderna. Fora dessa possibilidade, para esse modelo, há a loucura, marginalização, exclusão.

O estudo e a compreensão de outra forma de subjetivação, para além daquela produzida pela sociedade capitalista, trazem para Foucault, “uma idéia nova do sujeito distante das constituições transcendentais e das funções morais”. (Idem, 2006, p.639). E, também, a proposição da constituição de uma nova filosofia que não mais esteja comprometida em criar receitas de sujeito/saber/verdade, mas, ao contrário, aberta a novas possibilidades.



O projeto de uma genealogia do sujeito apareceu em sua primeira versão em 1980, em uma conferência:

penso que aí a possibilidade de elaborar uma história daquilo que fizemos e que seja ao mesmo tempo uma análise daquilo que somos; uma análise teórica que tenha um sentido político – quero dizer, uma análise que tenha um sentido para o que queremos aceitar, recusar, mudar de nós mesmos em nossa atualidade. Trata-se em suma, de partir em busca de uma outra filosofia crítica: uma filosofia que não determina as condições e as possibilidades indefinidas de transformação do sujeito. (FOUCAULT, 2006, p. 638).

Ao encontro dos caminhos apontados por essa nova perspectiva de estudos, há os trabalhos de Deleuze que toma para si a proposição de produzir uma nova visão de sujeito e da filosofia. O *anti-Édipo, Capitalismo e esquizofrenia*, escrito em parceria com Félix Guattari, insere-se nesse contexto.

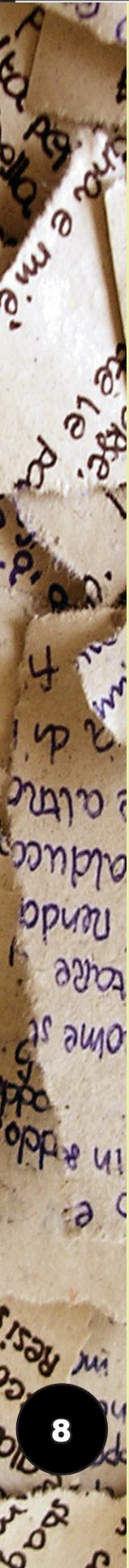
O anti-Édipo traz para a cena do pensamento, do discurso e da ação política a dimensão do desejo. Foucault (1996), no prefácio à edição americana, considera-o como um livro de ética que pretende combater todas as formas de fascismo, propondo uma nova arte de viver para além dos “burocratas da revolução”, dos “funcionários da verdade”; e dos “técnicos do desejo”. (p. 198).

As marcas das novas possibilidades de subjetivação estão sugeridas no resumo que Foucault fez do que seria os princípios para uma “arte de viver contrária a todas as formas de fascismo” (Idem, p. 199) e algumas delas merecem ser destacadas:

- Façam crescer a ação, o pensamento e os desejos por proliferação, justaposição e disjunção, e não por subdivisão e hierarquização piramidal.
- Livrem-se das velhas categorias do Negativo ( a lei, o limite, as castrações, a falta, a lacuna ) que por tanto tempo o pensamento ocidental considerou sagradas, enquanto forma de poder e modo de acesso à realidade. Prefiram o que é positivo e múltiplo, a diferença à uniformidade, os fluxos às unidades, os agenciamentos móveis aos sistemas. Considerem que o que é produtivo não é sedentário, mas nômade.
- Não exijam da política que ela restabeleça os ‘direitos’ do indivíduo tal como a filosofia os definiu. O indivíduo é produto do poder. O que é preciso é ‘desindividualizar’ pela multiplicação e o deslocamento, o agenciamento de combinações diferentes. O grupo não deve ser o liame orgânico que une indivíduos hierarquizados, mas um constante gerador de ‘desindividualizar’. (Idem, p. 199, 200).

No trecho acima fica evidenciado a proposta do livro que se insere no contexto da crítica a uma filosofia que teve como marca a construção de um ideal de verdade absoluta produzindo efeitos de poder sobre a constituição de subjetividades modelares, refêns de binarismos e hierarquias. Ao contrário disso, essa filosofia busca o múltiplo, o fluxo, o disforme. E o estabelecimento de uma nova compreensão para a filosofia, para a verdade, para a vida e para a subjetividade:

devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, Mimese), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou indiferenciação tal qual já não seja possível distinguir-se de uma mulher, um animal ou uma molécula, não imprecisos nem gerais, mas imprevistos, não preexistentes. Os devires são geografia, são orientações, direções, entradas e saídas. Há um devir-mulher que não se confunde com as mulheres, com seu passado e seu futuro, e é preciso que as mulheres entrem nesse devir para sair de seu passado e de seu futuro, de sua história. [...] Devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou





de verdade. Não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chega ou se deve chegar. (Deleuze, 1997, p. 10-11).

O conceito de devir deixa transparecer, assim, a concepção de subjetividade como passagem, como campo aberto de encontros e negociações, passível de ser povoado e atravessado por múltiplas forças. Essa visão manifesta-se claramente contrária à formulação de qualquer proposição na qual se pretenda criar uma identidade para os indivíduos. É uma compreensão de sujeito perpassada por múltiplas possibilidades.

Deleuze (1998), ao traçar uma 'linha de fuga' da tradicional filosofia ocidental, propõe uma compreensão da vida, da verdade e do sujeito, na qual critica toda a forma de interpretação classificatória. Propõe a experimentação, múltipla de sentidos. Onde se nomeava, com ele passa-se a 'desterritorializar' e juntamente com Guattari, criou a metáfora buraco negro/muro branco para retratar essa filosofia classificatória e produtora de significados únicos e modelares. Tal possibilidade de pensar nos convida a "*multiplicar os lados, quebrar todo círculo em prol dos polígonos*". (p.27).

Nessa perspectiva é possível ver o feminino enquanto verbo e não apenas como substantivo, desterritorizando-o e reterritORIZANDO-o, trazendo o "feminilizar", em um sentido de ações, movimentos de indivíduos plurais, não necessariamente mulheres, negando estabelecer e vincular comportamentos e atitudes a um rosto específico e congelado em uma única possibilidade de manifestar-se. É restabelecer a imanência da vida ao mundo.

A partir de tais idéias, podemos inferir que a escrita de si, inserida no campo da narrativa autobiográfica, constitui-se em uma estratégia de cuidado de si atualizada no sentido de poder ser um mecanismo propiciador de unidade interna para subjetividades atormentadas pela pergunta - "Quem sou?".

A escrita de si, desse modo, é capaz de promover uma sensação de coerência e unicidade às subjetividades em trânsito e isso acontece em função das características próprias do discurso narrativo escrito que, na maioria das vezes, ganha contornos circulares em uma lógica do princípio, meio e fim.

Em trabalho cujo enfoque insidia sobre as relações Literatura, Autobiografia e Sujeito, Alberti (2001), recorrendo aos estudos de Walter Benjamin e Michel Foucault, compreendeu que a existência de uma Literatura, mais especificamente a de cunho autobiográfico, surge junto com o processo que cria o próprio indivíduo, empreendido pela Modernidade. Esta estabeleceu as bases que se constituiu o ideal do sujeito enquanto portador de direitos civis e políticos em sua individualidade. Nesse sentido, esclarece:

Assim, é ao indivíduo único, solitário, exterior e ao mesmo tempo acima da sociedade, que se pode relacionar a literatura – o escritor, o leitor e a própria criação – como expressão desviante e livre, não mais "narração" de informações e da tradição, mas criação íntima de possibilidades incomensuráveis; não mais "responsabilidade social", e sim lugar da questão e da dúvida. (ALBERTI, 1991, p.70-71).

Assim, a escrita em forma de diário tem como característica primordial a presença do cotidiano, marcado não só pelo fato do conteúdo narrado centrar-se no vivido, como também por sua organização em datas, apresentadas em ordem sucessiva. Tal escrita acaba por estabelecer uma linearidade e continuidade a eventos muitas vezes díspares. Nesse sentido, em *Minha vida de menina*, os relatos da adolescente, apesar de se sucederem, são diversos.

As citações do dia 06/03/1893 a 14/03/1893 exemplificam que os temas variavam bastante de um dia para o outro. Como, por exemplo, no primeiro trecho em que fora destaca a

novidade que era o sorvete, ou no segundo que narrava a respeito da dor de dente da irmã e, logo depois, falava de visita aos parentes, da procissão e do aparecimento de um ladrão na cidade (MORLEY, 2005, p. 34-38).

Apesar da descontinuidade dos fragmentos relatados, a obra em sua íntegra ganha um sentido. E este pode ser verificado pela preocupação que a escritora/narradora mostrava em relação à situação economicamente decadente de seu pai, empobrecido pela diminuição da extração de diamantes em sua lavra.

Situação comum a muitos naquele momento em Diamantina. Ao fim dos dois anos, relatados no diário, seu pai, enfim, consegue uma colocação em uma nova empresa instalada na cidade. Sua avó falece e deixa uma herança e isso aponta para dias melhores para a adolescente e sua família.

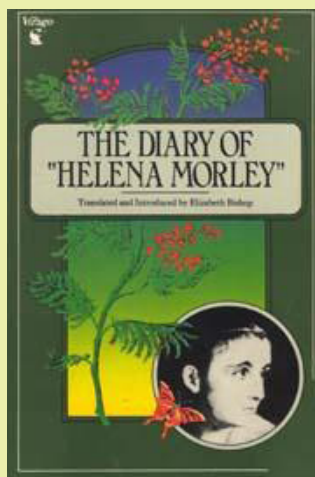
Dessa forma, um dos elementos da tensão presente no texto foi solucionado:

O dinheiro que vovó deixou para mamãe foi pouco e meu pai pagou todas as dívidas e continuou na mineração. Mas logo as coisas mudaram e nossa vida tem melhorado tanto, que eu só posso atribuir à proteção da alma de vovó. Meu pai entrou para a Companhia Boa Vista e tudo dos estrangeiros é com ele, por que é o único que fala inglês e conhece bem as lavras. Agora não vamos sofrer mais faltas, graças a Deus.

Não é mesmo proteção de vovó lá no Céu? (MORLEY, 2005, p.335).

Outra questão que observamos se refere às datas. Em todo o livro, elas não são apontadas uma após a outra; a ordem foi transplantada para a citação e corresponde a 06/03; 09/03; 11/03; 13/03; 14/03, respectivamente.

Em um primeiro momento, podemos pensar que alguns dias foram excluídos pela escritora. Porém, em nota à primeira edição, esclarece: “Nesses escritos nenhuma alteração foi feita, além de pequenas correções e substituições de alguns nomes, poucos, por motivos fáceis de compreender”. (MORLEY, 2005, p.14).



**Livro traduzido  
para o inglês**

Em outra passagem, encontramos a explicação para a descontinuidade nas datas. Helena diz: “Eu estava com a pena na mão pensando o que havia de escrever, pois há dias não acontece nada”. (MORLEY, 2005, p.173).

As mudanças nos nomes podem dizer respeito à questão de Helena ser um pseudônimo. Geralmente é utilizado quando quer se expressar o nascimento de um outro eu, o eu literato; ou por que, como foi no caso de algumas das primeiras escritoras femininas, esconder o nome da família a que pertence ou evitar se expor.

Porém, no que diz respeito ao conteúdo do livro e à sua autenticidade, Schwarz (2003) traz algumas considerações que foram debatidas à época de sua publicação, pois alguns duvidavam ser o livro exatamente como os originais. Assim, o autor afirma que sem a presença dos originais, o que temos para discutir é o dito pela escritora e qualquer aspecto, além disso, constitui-se mera especulação.

O fato de alguns pensarem ser o livro fruto de composição feita já pela escritora adulta, Schwarz destaca a fala de Guimarães Rosa, para o qual “não existia em nenhuma outra literatura mais pujante exemplo de tão literal reconstrução da infância”. (SCHWARZ, 2003, p.45).

Schwarz (2003) considera também que *Minha vida de menina* é um dos bons livros da literatura brasileira e não há quase nada à sua altura no século XIX, se deixarmos de lado Machado de Assis. E, ainda, citou alguns ilustres fãs do livro,

como Carlos Drummond de Andrade e Elisabeth Bishop que o traduziu para o inglês.

A origem do diário, enquanto locus de uma escrita de si remete ao surgimento da idéia de vida privada; esse movimento de valorização de uma intimidade dá-se no século XVIII. A afirmação dos diários e dos gêneros confessionais acontece, porém, no século XIX, sendo o século XX o momento em que este se consolida como objeto mercadológico aprovado pelo gosto dos leitores. (MACIEL, 2007)

O sucesso do gênero tornou-se inegável desde a publicação de O Diário de Anne Frank, na década de 50. Segundo Maciel:

Este diário, que já vendeu mais de 25 milhões de exemplares, [...] além de saciar nossa curiosidade histórica, é um alerta, enraizado na cotidianidade, sobre a condição humana e o sentido da vida. (2007, p.5)

Porém, o sucesso de *Minha vida de menina* não veio na esteira desse fenômeno internacional, mesmo porque foi publicado antes dele. Seu sucesso advém de suas qualidades literárias.

A esse respeito, outra distinção merece ser feita: um diário de uma adolescente, que vive numa cidade do interior do Brasil, no qual há a descrição de cenas cotidianas de seu entorno e da intimidade familiar, é diferente de *Minha vida de menina* que, de certa forma, constituiu-se para ser um elemento propiciador de memórias para outros.

Morley assinou um diário provido da “função de autor”, ou seja, “característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade”. (FOUCAULT, 1992, p.46).

Seu nome passou a se filiar a certo discurso pertencente a um dado estatuto. Em outras palavras, um escrito confessional ganhou ares de “lugar de memória” (NORA, 1993), pois estava inscrito na discursividade Modernista, ou seja, no movimento artístico e literário instituído no Brasil a partir da Semana de Arte de 1922.

Segundo Foucault, a função de autor:

[...] está ligada ao sistema jurídico e institucional que encerra e determina, articula o universo dos discursos: não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização; não se define pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas através de uma série de operações específicas e complexas; não reenvia pura e simplesmente para um indivíduo real, podendo dar lugar a vários ‘eus’ em simultâneo, a várias posições de sujeito que classes diferentes de indivíduos podem ocupar. (FOUCAULT, 1992, p.56-57).

Trilhando os caminhos de Foucault, compreendemos que o olhar depositado sobre uma obra não deve procurar relacionar automaticamente a mesma ao seu autor, mas sim a determinado discurso, vinculado a uma época regida por certas concepções.

E, também, e pela concepção de subjetividade adotada nesse estudo, que é necessário frisar que o diário escrito por Helena Morley, aos treze anos, não pode corresponder e ser capaz de retratar a mesma mulher, em 1942, aos sessenta e dois anos, quando a obra é publicada.

A escrita de si, a produção e guarda de uma vasta documentação individual, contextualiza-se na transição paradigmática pela qual o Ocidente passou nos últimos séculos. A construção da noção de sujeito moderno é problemática, pois ao mesmo tempo em que o ser humano é compreendido como ser individual e portador de direitos, é visto como um ser coletivo, pertencente ao mundo público, que lhe confere sentido. Assim, emerge um indivíduo que busca se compreender e se localizar por meio da escritura.

Os diários, desse modo, são fragmentos de uma vivência, produzidos a partir da relação da pessoa com o seu entorno, trazendo a marca da sua subjetividade, tornando-se lugares privilegiados de encontro em relação aos horizontes culturais sob os quais foi elaborado.

Não queremos afirmar, assim, que as mesmas marcas serão encontradas por todos os leitores, pois a perspectiva que aqui se propõe empreender é uma leitura de uma expressão subjetiva feminina, não vista aqui como representativa de todo um gênero, mas como um olhar sobre um objeto determinado que se abre a infinitas possibilidades de compreensão e reelaboração.

#### 4.0 O MUNDO CONSTRUÍDO PELA ESCRITURA DE HELENA MORLEY

Estou hoje cansada, pois foi um dos dias em que tive mais trabalho. Mas poderei deixar de contar ao meu caderno amigo o que me aconteceu ontem?" (MORLEY, 2005, p.170)

É exatamente em função desse prazer que Helena escrevia e menciona isso em vários momentos no diário. O fato de colocar em seu 'caderno amigo' suas observações a respeito do mundo faz com que possamos apreender o jeito de viver e pensar de uma jovem.

O ato de escrever talvez fosse considerado muito agradável por ela, já que podia pensar, criar, vagar em um território todo seu, sem precisar ter sempre sustentação em situações desagradáveis vivenciadas em seu entorno. Assim ela afirma:

Adoro fazer castelos e cada dia faço um mais lindo... Os que tenho feito ultimamente são tão bons, que até, gosto de perder o sono só para pensar neles. Não me importo em realizá-los e nem penso mesmo nisso. Fazê-los me basta. (MORLEY, 2005, p. 328).

O caderno/diário da menina é um lugar onde seus sonhos e opiniões são permitidas e suas alegrias e angústias podem livremente ser manifestadas à prova de traições e censuras. Assim, logo compreendeu as vantagens e desvantagem de fazer seu diário:

Este conselho que meu pai me deu de deixar de contar às amigas a minha vida e os meus segredos e escrever no caderno é na verdade bom por um lado e ruim por outro. Bom porque depois do desapontamento que Glorinha me fez passar contando a vovó que eu apanhei o pêssego do saquinho, que eu lhe contei em segredo, não precisei de lhe contar mais nada. Escrevo tudo neste caderno que é meu confidente e amigo único. Mau porque me tem tomado tempo que eu não podia perder. Eu sou a única menina da Escola que escreve tudo que pensa e que acontece, nas cartas e redações para Seu Sebastião. Sei que ele não se incomoda e até gosta, mas mesmo assim há muita coisa que eu não tenho coragem de levar para ele. E depois que tomei este hábito de pôr no caderno o que me acontece tenho que escrever, mesmo sem parar as lições. Hoje vou contar aqui uma coisa que eu não quero escrever para Seu Sebastião e que só confiarei a este caderno, que me guardará ainda por uns dias o segredo e depois mamãe terá que saber. (MORLEY, 2005, p. 205).

Fica evidenciado o lugar do caderno/diário na vida de Helena, ora tem a função prática de levar a redação pedida ao professor, ora torna-se seu confessor fiel, que guardava sem críticas e repreensões, seus segredos. Era o lugar necessário para o desabafo, para a elaboração e reelaboração de determinadas situações e vivências. Escrever é viver e imortalizar-se em um mundo de papel, construído por um eu a procura de si:

Vocês não pensam para que a gente vive? Não era melhor Deus não ter criado o mundo? A vida é só de trabalho. A gente trabalha, come, trabalha de novo, dorme e no fim não sabe se ainda vai parar no inferno. Eu não sei mesmo para que se vive”. (MORLEY, 2005, p. 121).

Esses questionamentos não são direcionados para o trabalho, pois disso Helena compreende, mas sim da indefinição perante um futuro pós-morte. É, na realidade, a busca de um sentido para a vida que não acontece com as outras mulheres da sua família.

Uma das sensações mais presentes no seu diário é sua diferença em relação às outras mulheres da família, tanto as adultas, quanto as da sua idade. Elas são discretas, conformadas e abnegadas, seguem com zelo o papel estabelecido pelo cristianismo e pela sociedade patriarcal brasileira. E, nesse sentido, uma das coisas que mais lhe incomodava era a idéia de reclusão:

*Segunda-feira, 18 de março*

Poucas são as vezes que entro em casa que mamãe não repita o verso: A mulher e a galinha/Nunca devem passear;/A galinha bicho come/A mulher dá o que falar.

E depois diz: “Era por minha mãe nos repetir sempre este conselho, que fomos umas moças tão recatadas. Vinham rapazes de longe nos pedir em casamento pela nossa fama de moças caseiras”.

Eu sempre respondo: “As senhoras eram caseiras porque moravam na Lomba. E depois, a fama foi o caldeirão de diamantes que vovô encontrou. Moça caseira, a senhora não vê que não pode ter fama? Como? Se ninguém a vê?”. (MORLEY, 2005, p. 236).

Helena observou o que estava por trás das tramas sociais vigentes e para além do comportamento adequado de sua mãe e tias - o que imperava mesmo era o dote que elas possuíam. E, ainda, destacava que para uma moça tornar-se popular e ser admirada tinha que se mostrar, circular e não ficar escondida.

O grande desejo de Helena era ir ao baile de máscaras do Teatro, pois ouvia histórias de mulheres que enganaram o pai e o marido fingindo ser outras pessoas. Porém, mesmo já com a idade apropriada, sua avó não lhe permitia.

A máscara esconde quem se é, mas abre a possibilidade de ser algo novo, diferente de si, algo que pode ser construído. O baile de máscaras é um horizonte aberto a novos arranjos subjetivos, uma vez que, na medida em que se cobre o rosto, assume-se uma nova posição de sujeito compatível com aquela situação. É um espaço onde é permitido não ser o que se é, ou que se pode permitir evocar uma manifestação temporária mais próxima do que se quer realizar em sua singularidade.

Helena também gostava de passeios, festas, danças e sempre participava alegremente dos eventos para os quais era convidada. Em outras situações ficava mesmo feliz em brincar com irmãos e os primos em casa ou na Chácara da avó. Mas sua mãe estava sempre preocupada com o comportamento, que julgava não ser normal nem adequado, da filha:

*Domingo, 8 de dezembro*

- Minha filha, quem sabe você acha que o mundo vai acabar? É o que eu penso quando vejo você nessa ânsia de se divertir. Você está começando a vida, minha filha. Não vá com tanta sede ao pote. Vocês hoje começaram a



folia às seis horas da manhã. Eu estava lá dentro tomando café e vocês já na sala dançando. Isto está me amofinando muito; não é natural. Tudo que sai do natural escandaliza, minha filha. É preciso pôr um ponto final nessa vida e pensar também nos estudos. (MORLEY, 2005, p.319).

Os diferentes ideais de feminino, da natureza, da vida e da existência presentes na fala da mãe e de Helena perpassam todo o texto e, por isso, podemos, talvez, inferir que a menina sentia dificuldade em enquadrar-se e também de compreender a visão materna. Porém, procura criar uma visão própria mesmo que seja conflituosa:

*Quinta-feira, 4 de maio*

Mamãe é que tem pena de mim porque diz que eu não vou ser feliz com este gênio de querer aproveitar tudo; que a vida é de sofrimentos. Mas eu é que não serei tola de fazer de uma vida tão boa uma vida de sofrimentos. (MORLEY, 2005, p.52).

A mãe, profundamente influenciada pela ascese cristã medieval, compreendia que viver era sofrer, porém Helena via outras possibilidades de existência. Entendia que o sofrimento é construído pelas próprias pessoas e escolheu a felicidade. Isso não a impediu de se ver constantemente incomodada com as demais mulheres da família:

*Quinta-feira, 21 de fevereiro*

Ninguém na família se preocupa consigo. Todas as minhas tias só se ocupam dos maridos e dos filhos. A pessoa delas não vale nada. Nunca vi mamãe ou qualquer de minhas tias comer uma coisa antes dos maridos e dos filhos. Se alguma coisa na mesa é pouca, elas nem sabem o gosto.

Mamãe eu ainda acho que é mais abnegada que as outras, porque além dos cuidados com os filhos, é a que tem mais agarramento com o marido. É até falado na família. Quando eu reclamo o pouco caso que ela faz em si e a preocupação conosco e com meu pai, ela responde: "Você verá quando for mãe. Você não sabe o ditado: 'Desde que filhos tive nunca mais barriga enchi'? É a pura verdade. Minha vida são vocês e seu pai. Se vocês comem, eu fico mais satisfeita do que se fosse eu". (MORLEY, 2005, p. 225).

As mulheres de sua família cumpriam bem o papel a elas reservado. Cabia à mulher ser esposa e mãe, pois essa era a condição que livrava as mulheres do pecado de Eva e as tornava próximas da Ave. Assim, na hora da alimentação, como exemplificado na citação, estavam submetidas hierarquicamente aos filhos, pois um dos papéis da mãe era nutrir.

Não via com bons olhos a sina feminina de existir à sombra (ou quase invisível) naquela sociedade e, por isso, protestava:

*Quarta-feira, 10 de julho*

Meu pai é muito querido na família. Todos gostam dele e dizem que ele é muito bom marido e um homem muito bom. Eu gosto muito disso, mas fico admirada de todo o mundo só falar que meu pai é bom marido e nunca ninguém dizer que mamãe é boa mulher. No entanto, no fundo do meu coração, eu acho que só Nossa Senhora pode ser melhor que mamãe. (MORLEY, 2005, p. 265-266).

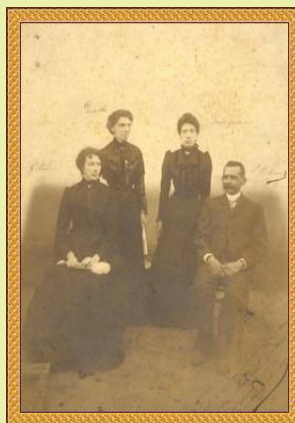
A menina sentia que por mais que sua mãe se esforçasse e se dedicasse, para ela não era dado nenhum valor, pois seu comportamento era visto como uma obrigação. Já no caso do pai, o comportamento era destacado, pois dos homens tal distinção não era tão esperada.

Os seus relatos destacam, sobretudo, as dificuldades de uma singularidade adequar-se a uma sociedade marcada por uma visão dicotômica da vivência homem/mulher. (ARIÈS, Ph.; BÉJIN, A. 1984)

Em fins do século XIX - período de transição de uma sociedade monárquica, escravista, agrária para uma sociedade republicana, livre, industrial - ainda vigoravam os velhos padrões sociais, em sua maioria, advindos do pensamento cristão nos moldes difundidos pelo Sistema Colonial. (COSTA, 1985)



Alice e o marido



Tias de Alice. A segunda da esquerda é "Tia Madge"

Após a Independência do Brasil, o processo de consolidação desse Estado produziu um novo olhar sobre a família, pois se buscou reformular o modelo patriarcal já que as pessoas deviam obediência ao rei e não mais ao pai/senhor.

Nesse sentido, a mulher/mãe foi considerada parceira do Estado na formação de seus súditos. Do mesmo modo, os ideais republicanos e positivistas elegeram a mulher como parceira dos sanitaristas, na educação e na formação do cidadão brasileiro<sup>3</sup>.

Abriu-se a possibilidade de a mulher ser mais que apenas mãe. Aos poucos, o magistério foi sendo encarado como um exercício feminino, pois a dimensão educativa passou a fazer parte do escopo de suas atribuições. O mundo privado era o da mulher que cuidava das crianças (no lar e na escola), bordava, cozinhava e o público, o do homem que minerava, comercializava e circulava livremente pelas ruas.

As mudanças nas relações familiares ocorridas durante o século XIX foram destacadas, de certo modo, por Helena. Como, por exemplo, quando ouvia as histórias de sua avó materna:

*Domingo, 14 de janeiro*

Vovó nunca quis sair deste lugar. Mandava educar os filhos no Rio. As filhas só aprenderam a ler e escrever; mas todas casaram na Lomba sem nunca virem à cidade. A fama do dinheiro das filhas do Batista corria longe. Iam doutores e fazendeiros de Diamantina, do Serro e Montes Claros pedir em casamento uma das minhas tias sem as conhecer, e vovô era quem aceitava ou recusava conforme as informações. Hoje nenhuma moça casaria assim. Apesar disso, não vejo ninguém mais bem casada de que mamãe e minhas tias. Será por não terem sido criadas na cidade? (MORLEY, 2005, p.124).

<sup>3</sup>Sobre as questões relativas ao feminino no Brasil utilizamos:

DEL PRIORE, Mary. (Org) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002.

WEHLING, Arno & WEHLING, Maria J. C. de. *Formação do Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

Desse modo, meninos eram enviados à capital para estudar e as filhas permaneciam na fazenda à espera do marido escolhido pelo pai. Apenas duas livraram-se dessa sina, uma delas a mãe de Helena, pois quando ela se casou, o seu pai já havia morrido.

A menina considerava que a vida rural permitia a conformação aos padrões pré-estabelecidos, pois sugeria que, na cidade, as pessoas viam e tinham maiores contatos sociais, permitindo nascer o desejo pelo direito de escolha.

Ao longo do relato, é possível olharmos para as atitudes singulares adotadas por Helena.

Como seu caderno passou a ser seu confidente, ao lermos os seus relatos entrecortados por múltiplos significados, podemos conhecer mais sobre o seu mundo de papel e tinta. Afinal, como a própria menina disse: “Como só de escrever não tenho preguiça, venho aqui contar a história do tempo antigo, para o futuro [...]”. (MORLEY, 2005, p.95).

### 5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do século XX, as mulheres lutaram por direitos iguais, no Brasil e no mundo. E a despeito de terem alcançado, em alguns lugares, tais direitos, em muitos outros, o preconceito arraigado das sociedades sexistas ocidentais prevalece.

Porém, o pior dos limites impostos às mulheres advém delas mesmas, pois, na maioria das vezes, reproduzem, ainda hoje, em maior ou menor grau, comportamentos e atitudes extemporâneas.

Há ainda hoje personagens femininas em músicas, poesias, novelas e filmes que estão polarizadas entre as filhas de Maria e as filhas de Eva, deixando à mostra a dificuldade das sociedades contemporâneas lidarem com um rompimento de milhares de anos de exclusão.

O diário analisado e a escrita da menina, de forma nenhuma, pretendeu representar um perfil próprio de mulher de uma época. A nossa intenção era apenas analisar as possibilidades de existência de um discurso singular face à mentalidade do momento em que foi construído, pois compartilhamos a idéia de uma total impossibilidade de classificar ou de criar modelos para o mundo e para os viventes.

Não houve, assim, em nenhum momento, no nosso estudo, o intento de considerar Helena, ou melhor, o discurso por ela produzido, como rebelde ou feminista. O que pretendemos foi mostrar a complexidade que envolve a subjetivação em uma sociedade que passava por um processo de transição paradigmática. Se por um lado, havia o saber aprendido na escola, baseado em fatos científicos, por outro, permanecia uma educação centrada em valores do catolicismo, cuja visão a respeito do feminino impunha às mulheres muitas restrições.

Consideramos o diário/obra de Helena Morley como um Texto, conceito que remete a um tipo específico de escritura, tal qual definido por Roland Barthes. Nesse sentido, procuramos analisar o discurso escrito como a leitura do entorno, mediada pela linguagem e uma forma de expressão que tem por base e limite a sociedade e as relações de poder que a constituem.

Porém, apesar de compreendermos que os signos são aprisionados por um sistema totalitário que os fazem funcionar, destacamos que a escritura de Helena, compreendida como uma escritura de si, foi capaz de elaborar uma resposta subjetiva singular e de distanciar-se de modelos e estereótipos impostos ao pensamento e a ação feminina no fim do século XIX.

Apesar de o Ocidente produzir uma noção de feminino em que o controle interno e externo era uma constante, sobre os corpos e as mentes das mulheres recaíam discursos opressores que as considerava pecadoras ou incapazes, Helena Morley demonstrou em sua escritura uma visão própria e quase sempre destoante das pessoas com quem convivia.

A menina argumentava com uma lógica própria, utilizando dados para ela plausíveis,



comprovando para si que, apesar de estar no caminho da diferença e da singularidade, e, por isso, causar estranhamento aos outros, seu mundo possuía sentido.

O mundo de papel e tinta construído por ela foi o lugar no qual procurou organizar os conflitos que envolviam sua subjetividade destoante. Ao escrever, convencia-se que estava “procedendo de forma adequada”, solucionando internamente a dificuldade de conformação vivida no mundo externo. Helena, mesmo vivendo em uma sociedade na qual valores modelares eram tão arraigados, conseguiu perceber-se na diferença e no devir. Para isso, justificava-se e encontrava sentido no ato de escrever a fim de reelaborar as repreensões dos pais e parentes.

Sua escrita nos deixou as marcas de uma vivência conflituosa, porém resolvida. Seu ‘caderno amigo’ era o lugar onde a dificuldade de se conceber perante o entorno, às vezes hostil, era ultrapassada. Nesse mundo de papel e tinta, a garota podia expressar-se sem censura e sem penitência.

Por último, é importante salientar que *Minha vida de menina* é muito rico em possibilidades de análise. São múltiplas as linhas temáticas que podem ser abertas - o cotidiano, os costumes, as credices, a religiosidade popular, as relações familiares, a economia e, até mesmo, há uma pitada de política.

Dessa forma, nosso estudo, assumidamente limitado, não pretendeu efetuar uma abordagem totalizante de *Minha vida de menina*. Ao contrário, esperamos que outras contribuições sejam realizadas, multiplicando assim, os enfoques dados à análise da obra.

### Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. Literatura e Autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 66-81, 1991.

ARIÈS, Ph.; BÉJIN, A. (Org.). *Sexualidades ocidentais*. Lisboa: Contexto, 1984. p. 111-117.

AZZI, Riolando. *A Cristandade Colonial: mito e ideologia*. Petrópolis: Vozes, 1987.

BARTHES, Roland. *Aula*. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2004a.

\_\_\_\_\_. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

COSTA, Emília V. da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. São Paulo: editora 34, 1997.

\_\_\_\_\_; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

DEL PRIORE, Mary. (Org) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002.

FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

\_\_\_\_\_. *O anti-Édipo: uma introdução à vida não Fascista*. Cadernos de subjetividade, São Paulo, Jun. 1996.

\_\_\_\_\_. *O que é um autor?* Lisboa: Vega, 1992.

LINS, Daniel. *Lampião: o homem que amava as mulheres*. São Paulo: Annablume, 1997.

MACIEL, Sheila Dias. *A literatura e os gêneros confessionais*. Disponível em: <http://www.cptl.ufms.br/pgletras/docentes/sheila/A%20Literatura%20e%20os%20g%EAneros%20confessionais.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2008

MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. In: *Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História do Departamento de História*. PUC-SP, nº 10, dezembro/1993

SOLBERG, H. *Comentários da diretora*. Disponível em: [www.radiantefilmes.com](http://www.radiantefilmes.com). Acesso em: 4 ago. 2007.

SCHWARZ, Roberto. *Duas meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TELLES, Lygia, Fagundes. Mulher, Mulheres. In: DEL PRIORE, Mary. (Org) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002.

VEYNE, Paul (org.). *História da vida privada: do Império Romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

WEHLING, Arno & WEHLING, Maria J. C. de. *Formação do Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

### Fontes das Ilustrações

1. [http://www.radiantefilmes.com/vidademenina/imagem/livro/capa\\_portugues.jpg](http://www.radiantefilmes.com/vidademenina/imagem/livro/capa_portugues.jpg). Acesso em 12 dez. 2007.

2. [http://i.s8.com.br/images/dvds/cover/img7/1972687\\_4.jpg](http://i.s8.com.br/images/dvds/cover/img7/1972687_4.jpg). Acesso em 22 fev. 2010.

3. [http://www.radiantefilmes.com/vidademenina/imagem/livro/livro\\_foto\\_old\\_helena\\_marido\\_180\\_3.jpg](http://www.radiantefilmes.com/vidademenina/imagem/livro/livro_foto_old_helena_marido_180_3.jpg). Acesso em 12 dez. 2007.

4. [http://www.radiantefilmes.com/vidademenina/imagem/livro/capa\\_ingles.jpg](http://www.radiantefilmes.com/vidademenina/imagem/livro/capa_ingles.jpg). Acesso em 12 dez. 2007.

5. [http://www.radiantefilmes.com/vidademenina/imagem/livro/tias\\_de\\_helena\\_morley.jpg](http://www.radiantefilmes.com/vidademenina/imagem/livro/tias_de_helena_morley.jpg). Acesso em 12 dez. 2007.